

COTIDIANO ESCOLAR E PANDEMIA DE COVID-19 NA AMAZÔNIA

Leonardo Ferreira Peixoto¹
Rafael dos Santos Vieira²

Resumo: O ano de 2020 será marcado mundialmente pela pandemia de Covid-19, que até o final do primeiro semestre de 2021 já vitimou mais de 500 mil vidas. A partir de 16/03/2020 as aulas presenciais foram suspensas nas redes públicas e privadas em todo o estado do Amazonas e na maioria dos estados brasileiros. Nesse contexto, muitas foram e são as alternativas apresentadas e há muitos discursos em torno da continuidade ou não das atividades escolares. Passado mais de um ano de pandemia, algumas redes de ensino já experimentam o retorno presencial das atividades com número reduzido de estudantes e outras estratégias para tentar manter a saúde e segurança da comunidade escolar. No estado do Amazonas, a rede pública já retornou com as aulas presenciais, ignorando o aumento vertiginoso dos casos no estado e no país. O objetivo principal da pesquisa que desenvolvemos foi buscar narrativas de professoras e professores sobre os impactos da Covid-19 nos cotidianos das escolas públicas de Tabatinga-AM. Como também somos professor e estudante, tecemos nossas vivências juntamente com a de um interlocutor professor da rede municipal de ensino pesquisada. Neste texto, buscamos trazer nossas narrativas e identificamos as alternativas curriculares criadas por nós, professores e estudantes.

Palavras-chave: Narrativas Docentes. Cotidianos Escolares. Pandemia de Covid-19. Educação na Amazônia.

SCHOOL LIFE AND THE COVID-19 PANDEMIC IN AMAZONIA

Abstract: The year 2020 will be marked worldwide by the Covid-19 pandemic, which by the end of the first half of 2021 had already claimed more than 500,000 lives. As of March 16, 2020, in-person classes were suspended in the public and private networks in the entire state of Amazonas and in most other Brazilian states. In this context, many were and are the alternatives presented and there are many discussions about the continuity or not of school activities. After more than a year of the pandemic, some school networks are already experiencing the return of activities with a reduced number of students and other strategies to try to maintain the health and safety of the school community. In the state of Amazonas, the public school system has already returned to the classroom, ignoring the dizzying increase of cases in the state and in the country. The main objective of the research we developed was to seek narratives from teachers and professors about the impacts of Covid-19 in the daily lives of public schools in Tabatinga-AM. As we are also teachers and students, we wove our experiences together with a teacher interlocutor from the municipal school network we researched. In this text, we seek to bring our narratives and identify the curricular alternatives created by us, teachers and students.

Keywords: Teacher's Narratives. School Life. COVID-19 pandemic. Education in the Amazon.

¹ Professor do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa Redes Indígenas: povos indígenas e redes educativas. Editor-chefe da Revista Vagalumear. Vice-presidente do Sind-UEA (Seção Sindical dos Docentes da Universidade do Estado do Amazonas- ANDES/SN) na Gestão Reconstrução & Diálogo 2021-2023.

² Estudante do Curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Membro do Grupo de Pesquisa Redes Indígenas: povos indígenas e redes educativas.

LA VIDA ESCOLAR Y LA PANDEMIA DE COVID-19 EN LA AMAZONIA

Resumen: El año 2020 estará marcado en todo el mundo por la pandemia de Covid-19, que a finales del primer semestre de 2021 ya ha cobrado más de 500 mil vidas. A partir del 16/03/2020 se suspendieron las clases presenciales en las redes públicas y privadas en todo el estado de Amazonas y en la mayoría de los estados brasileños. En este contexto, muchas han sido y son las alternativas que se han presentado y muchas las discusiones en torno a la continuidad o no de las actividades escolares. Tras más de un año de pandemia, algunas redes educativas ya están experimentando el regreso de las actividades con un número reducido de alumnos y otras estrategias para intentar mantener la salud y la seguridad de la comunidad escolar. En el estado de Amazonas, la red pública ya ha vuelto a las aulas, ignorando el vertiginoso aumento de casos en el estado y en el país. El objetivo principal de la investigación que desarrollamos fue buscar narrativas de maestros y profesores sobre los impactos de Covid-19 en el día a día de las escuelas públicas de Tabatinga-AM. Como también somos profesor y alumno, tejemos nuestras experiencias junto a un profesor interlocutor de la red educativa municipal investigada. En este texto, pretendemos aportar nuestras narrativas e identificar las alternativas curriculares creadas por nosotros, profesores y alumnos.

Palabras clave: Narrativas Docente. Vida Escolar. Pandemia de COVID-19. Educación en la Amazonia.

Introdução

No filme *Adoráveis Mulheres* (2019), Jo March pergunta a sua irmã sobre quando ela havia ficado tão esperta. Amy responde que sempre foi esperta e que Jo é que perdia tempo demais reparando em suas falhas. Não são poucas e nem recentes as pesquisas em educação que perdem tempo demais denunciando as falhas e os problemas das escolas ou dos cursos de formação de professores. Na contramão desse tipo de investigação, temos política e epistemologicamente mergulhado nos cotidianos escolares, na tentativa de ir além do já sabido ou do lugar comum da responsabilização de docentes, estudantes e responsáveis pelo que vem sendo chamado de fracasso escolar. Normalmente, nossas pesquisas não se atêm a esses tipos de problemas. Consideramos que já temos uma quantidade suficiente de pesquisadores que produzem conhecimentos nessa perspectiva. Sendo assim, temos nos preocupado em buscar *políticaspráticas*³ educacionais cotidianas em escolas públicas que demonstrem como professoras e professores criam e inventam novas formas e maneiras de aprender e ensinar para além dos caminhos planejados nos gabinetes das secretarias de ensino.

³ É prática comum entre os pesquisadores do campo dos estudos com os cotidianos escolares a criação de neologismos através da junção de palavras para forçar a língua portuguesa a dizer aquilo que queremos dizer. Nesse caso, queremos dizer que não vemos dicotomia entre prática e política no contexto educacional. As práticas educacionais são políticas e as políticas, por sua vez, são expressas nas práticas educacionais.

Quando decidimos propor a presente pesquisa como projeto de iniciação científica, ainda no primeiro semestre do ano de 2020, não imaginávamos que hoje estaríamos escrevendo este texto, enquanto choramos a perda de mais de 500 mil vidas no Brasil. Sequer imaginávamos que estaríamos a mais de um ano convivendo cotidianamente com esse vírus e sem nenhuma ação coordenada encampada pelo governo federal para minimizar os efeitos da pandemia e salvar vidas. Não imaginávamos que em janeiro de 2021, mais de dez meses depois do registro do primeiro caso de Covid-19, no coração da floresta amazônica, pulmão do mundo, faltaria oxigênio para as pessoas internadas nos hospitais do estado do Amazonas.

Precisamos registrar que escrever este texto, e mesmo antes dele, desenvolver esta pesquisa ao longo dos últimos onze meses não foi tarefa fácil para nós e muito menos para os nossos interlocutores. Ter que encarar esta pesquisa e a escrita deste artigo significa termos que olhar de frente a pandemia, com nossos medos, incertezas, dores e perdas, sabendo que ainda estamos um pouco longe de ver a luz ao final do túnel.

Um de nós, autores, já duplamente vacinado, mas ainda com familiares sem vacina; o outro ainda sem vacinar. Apesar de tudo, seguimos com esperança. Ambos fomos infectados pelo coronavírus e felizmente não tivemos nenhuma evolução grave, apesar de termos sentido boa parte dos sintomas, como perda do olfato e do paladar; um de nós chegou a sentir dores, cansaço e dificuldade de respirar.

Quando escrevemos o projeto de pesquisa, em 2020, o Brasil já havia alcançado o alarmante número de 100 mil mortos, mas, apesar disso, estávamos esperançosos. Não imaginávamos que entraríamos o ano de 2021 ainda sem vacinas e muito menos que chegaríamos a lamentar a perda mais de 4 mil mortes em um único dia. Nossa proposta inicial era de entender como ocorreriam os cotidianos escolares em Tabatinga-AM, no contexto da pandemia de Covid-19 e pensávamos que essa situação teria fim ainda em 2020. Entre os objetivos específicos da pesquisa, pretendíamos: analisar as políticas curriculares propostas pela Secretaria Municipal de Educação durante o período da pandemia; identificar as alternativas curriculares criadas por professoras e professores, em diálogo com estudantes e seus responsáveis; refletir com os cotidianos escolares forjados nesse contexto. Neste artigo, nosso objetivo é narrar nossas vivências em diálogo com um de nossos interlocutores, durante esse período pandêmico.

Por que Tabatinga? Primeiro por ser onde vivemos, estudamos, trabalhamos e vimos produzindo nossos conhecimentos na última década. O município está localizado na tríplice fronteira amazônica, entre Brasil, Peru e Colômbia. As cidades do interior do Amazonas são invisibilizadas de inúmeras formas, sejam nas políticas públicas, nos meios de comunicação ou mesmo nos campos de produção de conhecimentos. Apesar das diferenças geográficas, sociais e culturais, sabemos que mesmo as realidades vivenciadas pela população de Tabatinga podem se assemelhar a de tantas outras periferias brasileiras, assim como de outras periferias amazônicas dos demais países da América do Sul. Mas advertimos nossos leitores: cuidado com as generalizações!

Temos apostado nas narrativas de professoras e professores como possibilidade de refletir com os cotidianos e como o contexto da pandemia já nos impunha o distanciamento social, optamos por realizar a pesquisa por aplicativo de mensagem por telefone. Pelo aplicativo foi possível enviar fotos, vídeos, áudios ou mensagens textuais. No entanto, Tabatinga é uma das cidades brasileiras que não possui internet banda larga por fibra ótica. As operadoras de telefonia celular fornecem conexão extremamente precária ou empresas locais disponibilizam internet via satélite por um preço nada acessível à população em geral, também com muitos problemas de velocidade e conexão.

Quando em 16 de março de 2020 as aulas foram suspensas nas escolas e nas universidades do estado do Amazonas, não sabíamos por quanto tempo teríamos que ficar afastados. Quando percebemos que esse período seria longo, começamos a ver pulular em diversas redes de ensino país afora as aulas *on-line*, *lives*, aulas remotas, síncronas, assíncronas... Enfim, uma imensidão de vocabulários e novas metodologias se apresentavam a professores e estudantes no contexto da pandemia, na tentativa de minimizar os danos causados pela impossibilidade de realização do ensino presencial. Assim que esse movimento teve início, nós, moradores, estudantes e professores de Tabatinga nos fazíamos a mesma pergunta: como é possível dar prosseguimento a outras formas de aprender e ensinar em uma região onde não há internet para todas e todos? Não é que aqui possamos falar em minorias, falamos de uma maioria numérica, quase a totalidade do município e da região não tem acesso à internet de qualidade. Para além de pensar na internet, outras questões que deveríamos levantar são: qual o número de estudantes por família/residência na cidade? Quantos aparelhos telefônicos ou computadores essas famílias dispõem? Quantos

são os estudantes que vivem na cidade, onde há possibilidade de conexão, e quantos vivem na zona rural, em comunidades indígenas ou ribeirinhas?

Com todas essas questões e angústias, começamos a buscar interlocutores entre os professores da rede pública de ensino de Tabatinga que pudessem partilhar conosco, via aplicativo de mensagens, também as suas incertezas, seus medos e suas vivências. Não queremos estar aqui como Jo March, perdendo tempo olhando somente as falhas desse processo, não é esse o nosso objetivo, mas não queremos ser invisibilizados por uma narrativa que faz parecer que está tudo bem e fica buscando os aprendizados em meio a tantas mortes e tamanho sofrimento. Vale lembrar que a Covid-19 não causa sofrimento somente pelas vidas perdidas. São milhões de pessoas em todo o mundo que sofreram processos traumáticos de internações, sem falar de tantos outros que ainda estão com sequelas causadas pela doença.

Por tudo isso, tivemos mais dificuldade do que imaginávamos em encontrar interlocutores interessados em dialogar conosco sobre esse momento atual. Primeiro ficou evidente nossa dificuldade de comunicação via aplicativo de mensagens, pois a manutenção de uma conversa em tempo real, com as condições de internet em Tabatinga, não é certeza de sucesso. Muitas vezes, uma mensagem de texto demora minutos e até mesmo horas para ser enviada e recebida. Os áudios precisam ser curtos, para que possamos garantir seu envio e recebimento pela outra pessoa.

Começamos a investigação com três interlocutores, dois homens e uma mulher, todos professores da rede municipal de ensino de Tabatinga; mas ao final, somente um deles se sentiu realmente confortável em participar da pesquisa. Mesmo assim, diante das dificuldades enfrentadas pelo aplicativo de mensagens, foi necessário marcar um encontro presencial, mantendo as medidas de segurança e após dois de nós já estarmos vacinados. Chamaremos nosso interlocutor de Luiz Fernando, em homenagem ao pesquisador, sociólogo e professor amazonense, Luiz Fernando de Souza Santos, que faleceu no dia 11 de março de 2021, vítima do coronavírus. É inaceitável que ainda tenhamos uma quantidade diária absurda de mortes causadas pela pandemia. Essas mortes são consequência da gestão de morte do governo federal, que nega a ciência e banaliza as vidas e as mortes.

O vírus, em si, mesmo que entrasse em contato com seres humanos, provavelmente não teria a mesma taxa de letalidade se houvesse sistemas públicos de saúde em condições de contingenciá-lo, sistemas públicos de pesquisa em condições de estudá-lo, sistemas públicos de produção em condições de organizar o acesso aos insumos necessários. (GOUVÊA *apud* PRONKO, 2020, p. 114).

Mesmo o Brasil tendo no Ministério da Educação (MEC) o Programa Nacional de Imunização, “que se destaca como um dos melhores programas de imunização do mundo” (MACHADO *et al*, 2020, p. 12) a ineficiência intencional do governo federal diante da pandemia tem levado ao aumento vertiginoso do número de mortos e infectados em nosso país. A vacinação avança lentamente e o vírus continua a circular violentamente em todo território nacional. Nesse contexto é que figuramos como personagens deste texto, nós, os autores, e Luiz Fernando.

Além desta introdução, na qual narramos o percurso teórico-metodológico da pesquisa, que serviu de inspiração para este texto apresentamos, na seção seguinte, autores e interlocutor de nossa pesquisa e trazemos partes de nossas conversas que julgamos interessantes para a discussão proposta. Por fim, nas considerações, reforçamos que o artigo traz os resultados iniciais da pesquisa e julgamos importante que essas narrativas sejam publicadas, para registrar e fazer ecoar as vozes de professores e estudantes neste período *sui generis*.

“Fala com outros, para que não enlouqueças!”

Agora, mais do que nunca, essa frase de Paulo Freire em conversa com Sérgio Guimarães (2011) tem ecoado entre nós. E como precisamos falar... Paulo Freire dizia “orar”, não no sentido religioso, mas no sentido da oralidade. Ao narrar sobre a oralidade e a escrita em conversa com Sérgio Guimarães, Freire nos faz refletir também sobre a necessidade de falarmos, como possibilidade de invenção da vida:

Mas você dizia ontem, nesse papo informal, alguma coisa muito interessante, muito forte, sobre a questão da morte, por exemplo. O silêncio, o enclausuramento de um ser dentro dele mesmo, a incomunicabilidade como morte, a comunicabilidade como uma possibilidade de expressão da vida, e de invenção da vida, e de criação da vida. (FREIRE, GUIMARÃES, 2011, p. 28).

Temos realizado nossas pesquisas inspirados por Paulo Freire, na tentativa de fazer ecoar as vozes. Nossa tentativa é de amplificar vozes que poderiam estar abafadas ou silenciadas e esperamos que essas vozes mostrem outras possibilidades de viver para além do comumente sabido. E como temos sentido a necessidade de falar com os outros, de estar com os outros, de partilharmos nossas vidas, nossas dores. Este texto se constitui como um diálogo entre três personagens: Leonardo Peixoto, Rafael Vieira e Luiz Fernando.

Antes de começarmos a narrar a conversa e de apresentar Luiz Fernando, gostaríamos de nos apresentar, os autores, com nossas palavras escritas e com nossas vozes, nossas narrativas. Rafael Vieira é estudante do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga. Nascido no município de Fonte Boa-AM, regressou ao seu município de nascimento para viver o isolamento social com sua família. Todo mundo de sua residência foi infectado pelo coronavírus. Rafael narra como esse foi um período de tensão emocional muito grande:

RAFAEL: Como estudante, foi muito difícil, porque quando a gente começa a fazer a faculdade, a gente tem mais ou menos uma previsão de quando a gente vai ser formar. Eu sempre procurei me esforçar, para não reprovar em nenhuma disciplina, para tirar boas notas e do nada parou tudo e sem previsão de volta. Foi desanimador, frustrante.

Leonardo Peixoto é professor do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga e orientador do Rafael nessa pesquisa. Nascido na cidade de Belford Roxo-RJ, mora em Tabatinga desde 2012, mas quase toda sua família ainda vive no Rio de Janeiro, com exceção de sua mãe, que se mudou para Paraíba, em março de 2020, no início do isolamento social. Leonardo confessa que, inicialmente, ficava preocupado com as péssimas condições do sistema de saúde do interior do Amazonas, mas ficou boa parte dos primeiros meses da pandemia em isolamento em Tabatinga, acompanhando o aumento vertiginoso de casos no seu estado de origem. Quando soube que o aeroporto de sua cidade seria fechado, viajou para Belford Roxo, por medo de infectar-se e precisar de assistência médica e não ter. Não há UTIs nas unidades de saúde do interior do Amazonas e a única forma de chegar a Manaus, de Tabatinga, é ou por voo ou pelo Rio Solimões, após dias de viagem. Importante ressaltar que durante meses, foi impedido o transporte de passageiros pelo estado do Amazonas, seja por transporte aéreo ou fluvial.

LEONARDO: Tenho consciência do meu privilégio em relação ao Rafael e ao Luiz Fernando, pois, diferentemente de mim, eles não tinham a opção de “fugir” para um outro local que considerassem mais seguro ou com melhores condições para tratamento de saúde. Na verdade, a consciência do meu privilégio foi algo que esteve e está presente em mim durante todo o tempo, nesta pandemia. Sou servidor público, pude estar em casa sem ter o meu salário reduzido ou pôr em risco a minha vida. Muitos brasileiros tiveram que se expor a riscos para garantir o que comer no final do mês.

Encontramos Luiz Fernando porque Rafael desenvolveu uma atividade com ele no programa de Residência Pedagógica. Destacamos que para Rafael, a participação nos programas de residência pedagógica e, depois, na iniciação científica foram alguns dos motivos pelo qual ele não desistiu da faculdade. Luiz Fernando colocou-se desde o início disponível a contribuir conosco na pesquisa e criamos um grupo de conversa em um aplicativo de troca de mensagens. Ocorre que, ao mesmo tempo em que esse aplicativo de mensagens funcionava para nossa conversa ele também era o meio de nos conectarmos com os nossos amigos e familiares, que não podíamos encontrar. Além disso, no caso dos autores, ele tornou-se a principal plataforma de aula.

LEONARDO: Eu não sabia, e até agora não sei, como conseguir dar conta das disciplinas se não for pelo aplicativo de mensagens. Eu não tenho como dar aulas por outras plataformas, porque nem eu e nem meus estudantes temos internet que sustente uma conexão em uma sala virtual, por exemplo. Além disso, muitos dos meus estudantes possuem pacotes de dados com suas operadoras e este aplicativo de mensagens está incluso no plano, então eu faço tudo por lá. Eu envio os textos pelo aplicativo e envio áudios curtos, de no máximo dois minutos, para que meus estudantes consigam baixar. Além disso, eu preciso me certificar de que eu consegui gravar o áudio sem falhas, porque muitas vezes o áudio carrega sem som. Eu ainda tenho que me certificar de que eles estão sendo enviados e carregados para os estudantes na ordem correta. A dificuldade de conexão é o nosso maior problema.

Diante de tudo isso, o que parecia ser uma tarefa simples, tornou-se cada vez mais difícil. Sem falar que distantes, nem sempre estávamos todos em sintonia, com interesse e vontade de falar sobre o assunto ao mesmo tempo, e nem sempre as mensagens carregavam em todos os aplicativos simultaneamente. Por esse motivo, não conseguimos e nem aventamos a possibilidade de agendarmos um momento único para que todos pudessem se encontrar e trocar mensagens concomitantemente.

Mesmo assim, Luiz Fernando mostrava-se sempre disponível a conversar. O problema maior é que metodologicamente, talvez por Leonardo Peixoto e Luiz Fernando não se conhecerem pessoalmente, a conversa não fluía com tanta leveza. Faltava alguma coisa. Foi então que, em maio de 2021, após alguns dias sem relatos de novos casos na cidade de Tabatinga, após Luiz Fernando tomar a primeira dose da vacina e Leonardo, as duas doses, decidimos nos encontrar. O encontro ocorreu em um lugar aberto, na tentativa de que a conversa pudesse fluir melhor; nós três ficamos felizes com a conversa.

Luiz Fernando é professor dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola da rede pública municipal de Tabatinga. Decidimos por usar um pseudônimo por entendermos que algumas de suas falas denunciam certo atropelo da rede à qual ele está vinculado. Como vivemos em um município pequeno, onde quase todas as pessoas se conhecem e por não termos dimensão do impacto que este artigo pode causar na rede municipal de ensino de Tabatinga, julgamos prudente preservar o nosso interlocutor e sua liberdade de expressar seus sentimentos.

Atualmente, no ano letivo de 2021, Luiz Fernando está dando aula para uma turma de 4º ano do ensino fundamental. Ele vem acompanhando essa turma desde o ano letivo de 2019, no 2º ano do ensino fundamental.

LUIZ FERNANDO: Quando fomos notificados que iríamos parar, nós fomos pegos de surpresa. As aulas tinham acabado de começar. Tínhamos praticamente 15 dias letivos, no ano de 2020. Nós paramos as aulas antes mesmo de termos um caso confirmado da pandemia, no município. Comunicamos aos pais e aos estudantes, ninguém sabia o que estava acontecendo. Quando os pais foram chamados, eles achavam que tinha acontecido alguma coisa com o professor, que o professor estava doente. Ficamos todos muito assustados. A gente via isso na televisão, mas a gente nunca tinha vivenciado isto. Era uma coisa atípica. Desde o tempo que eu trabalho como professor, eu nunca tinha vivido algo do tipo. Foi algo muito surpreendente para mim. Nós achamos que a parada seria somente de uma semana, até que o vírus chegou no Amazonas e vimos o vírus chegar na região por Santo Antônio do Içá e foi virando uma bola de neve. A princípio, a primeira orientação do secretário de educação foi: “Vão para casa, fiquem em casa. Vocês não precisam ficar se expondo.” E ficamos mais de um mês nesse impasse. Será que vai voltar? Não vai voltar? Eu sabia que aquilo não era uma coisa normal. Quando foi em junho [2020], eles deliberaram pelo retorno dos professores para trabalhar de maneira remota. Foi quando eles criaram esta estratégia de ensino remoto. Quando a gente [os professores] voltou para escola, a gente ficou muito preocupado

também. Porque já haviam cortado os voos para a cidade e não tinha mais transporte fluvial de passageiros. Nesse momento, já tinham bastante casos em Tabatinga. O transporte terrestre também era muito limitado, mesmo assim, a gente tinha que cumprir o horário na escola.

O município não possui transporte terrestre coletivo público de passageiros. Existem algumas poucas kombis que fazem um percurso predeterminado entre as terras indígenas Umariçu I e II, cruzando a cidade de Tabatinga pela avenida principal e indo até o município de Letícia, na Colômbia. O transporte terrestre mais utilizado são as motos. Existe um considerável número de mototaxistas, mas no início da pandemia, ainda no ano passado, tudo se tornava mais difícil. Sabemos também que há ônibus que fazem o transporte escolar de estudantes, mas nesse caso, em junho, o retorno físico às escolas era somente para os professores. No ensino superior, a rede estadual decidiu pelo retorno remoto das atividades, em agosto de 2020.

LEONARDO: Antes do retorno das aulas, em agosto, a universidade ofereceu um curso para os professores, para que aprendêssemos a criar ambientes virtuais no Moodle. Cheguei a me inscrever no curso, porém comecei a perceber que aquela plataforma de aprendizagem não seria uma boa opção para trabalhar com os estudantes da UEA, em Tabatinga. Nem todos os meus estudantes tinham acesso à internet e muitos deles haviam retornado para seus municípios de origem, como foi o caso do Rafael. Os demais municípios da região do Alto Solimões possuem conexão de internet pior do que o município de Tabatinga. Sem falar que eu pensava nos estudantes indígenas que sabiamente teriam voltado para suas comunidades na tentativa de se preservarem e preservarem suas famílias, estando muitos deles completamente sem conexão.

O que nos causa indignação e o que nos motiva a escrever este texto e continuarmos na produção de pesquisas com os cotidianos escolares do município de Tabatinga é a produção de invisibilidade à qual o interior do Amazonas está submetido em função da capital do estado: Manaus. Mesmo nas decisões que ocorrem no âmbito da UEA, as angústias, os medos e as dificuldades enfrentadas pelas unidades do interior são invisibilizadas e banalizadas. O maior exemplo disso é a deliberação do Conselho Universitário que, por dois momentos, obriga-nos a retornar com o ensino remoto sem sequer termos condições estruturais para tal modalidade de ensino.

Como a professora titular aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, Nilda Alves tem dito em diversas *lives* ao longo desta

pandemia, são as professoras e os professores que estão criando as soluções para os problemas educacionais. Nilda nos faz refletir que nem as secretarias de estado, município ou mesmo o MEC têm enfrentado as consequências da pandemia para a educação de forma eficaz. Somos nós, professoras e professores, nos cotidianos, que estamos criando as soluções, as alternativas. Apesar do reconhecimento de nossos estudantes, nem sempre temos tido sucesso.

RAFAEL: No ano passado, me deu vontade de desistir, mas o que não me deixou desistir foi estar envolvido com os projetos [como o de Iniciação Científica] que a universidade proporciona. Isso me deu um gás a mais. Foi muito triste ver algumas pessoas que eu conheço, que tinham passado no vestibular, que tinham tentado mais de uma vez, e nunca tinham conseguido, e que no ano de 2020 conseguiram passar, desistirem. Infelizmente, depois de menos de um mês de aula, começou o isolamento social e muitas dessas pessoas acabaram desistindo de fazer seus cursos. Muitos colegas também, que já estavam cursando há mais tempo, acabaram desistindo ou trancando. Tanto a minha vida pessoal, como a familiar e acadêmica, foram muito complicadas. Primeiro, pelo fato de todos terem pegado Covid na minha casa e ter a tensão de poder perder alguém da família. E a vida na universidade também foi muito difícil, por vermos os nossos colegas desistindo. Foi muito complicado.

Não são apenas as mortes físicas que evidenciam o estrago causado pela inoperância do governo brasileiro diante da pandemia. O que dizer de pessoas que desistiram de seguir suas trajetórias acadêmicas, sobretudo num lugar como Tabatinga, de escassa oferta de cursos de educação superior e de raríssimas possibilidades de emprego formal, se comparado a outras cidades? Quantas vidas são interrompidas quando um estudante desiste de cursar a faculdade e ter a possibilidade de, por meio da educação, mudar a realidade social e econômica de sua família? Não queremos dizer ascensão social, mas ter um emprego formal que garanta a sustentação de sua família, tal como Leonardo e Luiz Fernando.

A realidade da maioria da população educacional de Tabatinga é o que muitos pensam ser a exceção no sistema educacional nacional, mas ousamos afirmar que a ausência de conectividade ou de meios viáveis para uma educação não presencial não é uma exceção, mas a regra. Como fazer ensino remoto nesse contexto?

LUIZ FERNANDO: Quando a gente voltou para escola, em junho, a gente passou a cumprir uma escola reduzida de horário. Quando a gente chegou

na escola, a gente ficava se perguntando: “O que nós estamos fazendo?”. Eu ficava inquieto. A gente não precisa estar aqui, mas eles queriam que a gente tivesse lá. A gente ficou praticamente um mês indo para escola somente para ficar olhando um para a cara do outro, em isolamento. Os professores que eram do grupo de risco ficaram afastados. Mas nós, que não éramos grupo de risco, tivemos que enfrentar. Com alguns dias, a secretaria trouxe a proposta do ensino remoto, que pra mim não teve rendimento nenhum. A gente esperava que os pais viessem para buscar as atividades.

LEONARDO: A ideia da educação remota em Tabatinga era de entrega de material para ser feito em casa pelos estudantes? É isso?

LUIZ FERNANDO: Isso.

LEONARDO: E quem elaborava esse material?

LUIZ FERNANDO: A secretaria elaborava. Ela mandava as atividades impressas e a gente só fazia distribuir. Ocorre que os pais não vieram buscar. Não vieram! E a outra proposta era de criar os grupos de WhatsApp para trabalhar com a interação, mas isso era pior do que as atividades impressas, porque as nossas crianças não têm celular, os pais não são assalariados, a maioria são autônomos e nem têm todo dia o que comer. Então, se a gente não conseguia atingir através do contato direto, imagina pelo WhatsApp, que às vezes nem nós temos crédito para poder manusear o celular!

A narrativa de Luiz Fernando somada as nossas vivências nos causa muita dor. Nós três somos pessoas comprometidas com a educação pública, mas com uma educação pública de qualidade e o que estamos vivenciando desde o início da pandemia é um descaso total com as especificidades locais e regionais, sempre em nome de uma generalização que nos invisibiliza e silencia.

LEONARDO: Quando o período voltou, em agosto de 2020, alguns poucos colegas começaram a agendar encontros presenciais com os estudantes nas salas de aula da universidade, em Tabatinga. Essa atitude chegou até a reitoria da universidade, que determinou apenas que as atividades parassem de ocorrer. Acontece que estes colegas estavam fazendo isso, porque não sabiam fazer de outra forma. Ou melhor, porque não tinham como garantir nada minimamente digno aos seus estudantes de outra forma. Não cheguei a conversar com estes, mas penso que suas atitudes estavam pautadas no compromisso com a educação, que faziam com que eles colocassem suas vidas, e de seus estudantes, em risco. Eu mesmo, muitas vezes, preciso sair da minha residência para ir até a universidade usar a internet, que é um pouco melhor lá do que na minha residência.

RAFAEL: Quando as aulas voltaram de forma remota, eu estava no 6º período, foi um período que eu aprendi muito pouco. Eu estava muito frustrado. O ensino remoto não é a mesma coisa que o presencial. Por mais que os professores tenham se esforçado para passar os conteúdos, as atividades, mas não é a mesma interação que existe entre o aluno e o professor, entre alunos e alunos para discutir os conteúdos e tirar as dúvidas. Então, foi muito aquém do que a gente vinha vivenciando e aprendendo nos períodos anteriores. Eu lia os textos não com aquela perspectiva de aprendizado que eu tinha nos períodos anteriores, mas eu lia para responder as atividades. Como acadêmico, foi feito mais pra cumprir o que era pedido pelos professores. Eu acho que o responsável por isso é o modo de ensino que não correspondia às minhas expectativas como estudante. Agora, em 2021, no período que iniciou em maio, eu já aprendi a me adaptar um pouco a essa questão. Eu já consigo ler os textos com interesse de aprendizado mesmo. Já superei a ideia de responder só por responder, mas foi muito difícil, foi muito desanimador.

Antes de partir para as considerações finais, gostaríamos, primeiramente, de nos desculpar com os colegas pesquisadores e que produzem conhecimento sobre educação *online* ou educação a distância. Talvez, por nossa pouca familiaridade com esse campo tenhamos algumas vezes denominado educação remota de forma equivocada em nossa conversa. Os usos que empregamos é o uso “comum” de termos e palavras que passaram a integrar nossos cotidianos. Não queremos, de maneira alguma, diminuir ou tratar com desdém um importante e respeitável campo de produção de conhecimento, mas é relevante vocês entenderem que, como campo, nem todos nós estamos necessariamente inseridos nessa discussão de maneira mais qualificada.

Considerações finais

Acho que o testemunho que nós damos é um testemunho simples, humilde. Ninguém pense que eu penso que isso é uma coisa extraordinária! Não, é um testemunho que tem seus limites, suas carências, suas necessidades; mas é como se ele dissesse, como livro, como totalidade: “Fala com outros, para que não enlouqueças!”
(FREIRE, GUIMARÃES, 2011, p. 28).

Como Paulo Freire, não temos a pretensão de termos escrito algo extraordinário. Esse é nosso primeiro testemunho simples, humilde, de nossa vivência nesse tempo que será inesquecível em nossas vidas. Talvez outras conversas gerem outros textos e a gente consiga cada vez falar mais, com mais gente, sobre este momento. Talvez com o tempo a gente consiga

olhar menos para as falhas desse período e mais para a beleza de tantas coisas que sabemos que surgiram, mas precisamos ser justos e honestos conosco, com nossas dores e com nossos sentimentos. Esse é o resultado inicial desta pesquisa que tentamos desenvolver ao longo dos últimos onze meses. Não podíamos guardar tudo isso somente para nós e sabemos que temos muito mais a dizer. Talvez esse seja somente um grito. Esperamos que nos ouçam!

Referências

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LITTLE Women. Direção de Greta Gerwig. Estados Unidos: **Sony Pictures**, 2019. 1 filme (135min).

MACHADO, Luís Felipe Barbosa, *et al.* Recusa vacinal e o impacto no ressurgimento de doenças erradicadas. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR** Vol.32, n.1, pp.12-16 (Set – Nov 2020).

PRONKO, Marcela. **Educação pública em tempos de pandemia**. In: SILVA, Letícia Batista; DANTAS, André Vianna. (Org). Crise e pandemia: quando a exceção é a regra geral. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020.

Submissão em: 28-06-2021

Aceito em: 05-09-2021